



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Jovens Urbanos e o Consumo na Cultura do Desapego¹

Marcos Rodrigues de Lara²
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir elementos da pesquisa realizada com jovens urbanos dos sexos masculino e feminino, na faixa etária de 18 aos 23 anos, da periferia da cidade de São Paulo, nas regiões sul e oeste, no que se refere a motivações, percursos e hábitos de consumo, e suas imagens em relação a marcas, produtos e relações sociais construídas através delas. Aproveito para pensar sobre o relacionamento que possa existir entre os hábitos e forças que movimentam o consumo e sua relação com o grande centro urbano que a cidade de São Paulo representa em seus imaginários.

Palavras-chave

Juventude; consumo; mídia; marcas; metrópole.

Corpo do trabalho

Viver na contemporaneidade dos grandes centros urbanos é aceitar uma realidade de mudanças intensas, não só em quantidade, mas principalmente no seu ritmo, mediadas e viabilizadas principalmente pelas tecnologias da informática, das telecomunicações, da saúde e dos transportes, sempre em transformação. Esse tempo é sempre menor do que o requerido para a consolidação das idéias em conceitos, das experiências em aprendizados e dos encontros em relacionamentos.

Nesse ritmo corre-se o risco de se lutar por algo que se transforma rapidamente em peso morto indesejável ou de se conseguir, depois de grande esforço, algo que não tem mais valor, pelo simples fato de que os sinais de positivo e negativo de valoração do real se alteram freneticamente nas relações sociais urbanas. O progresso deixou de ser visto como uma escada a ser galgado um passo depois do outro, sempre em direção

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Cultura Urbanas, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação da Intercom, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM 2007.

² Educador, filósofo e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP). É pesquisador na área de cultura contemporânea: imagens, comunicação e consumo juvenis. E-mail laramarc@uol.com.br



ascendente, e a vida passou a ser engendrada em meio a labirintos nos quais os rumos a serem tomados não fazem muito sentido a priori.

Se o desejo de ser reconhecido, de ser famoso, de ombrear com os ídolos não é apanágio dos jovens, certamente é entre esses que ele pulsa mais forte. Não é demais lembrar aqui a exaltação à juventude na programação da mídia, nas estratégias de *marketing*, no mundo da moda, na cobertura de esportes, música, dança e artes.

Tampouco é demais lembrar o poder de influência do rádio e, sobretudo da televisão – o primeiro presente em 97,4% e o segundo em 98,1% dos domicílios da RMSP (PNAD-2000) - na construção e na propagação de uma gramática do ser e do ter jovem. Esse poder tende a ser tanto maior sobre os jovens, quanto menores forem os espaços de circulação, as redes de sociabilidade, as alternativas de lazer, ocupação e informação que se abrem para eles.

Não por acaso as carreiras de sucesso disseminadas pela mídia predominam nos sonhos e aspirações de futuro de grande parte de adolescentes e jovens pobres. Essa linha de desejo, marcada por dois atributos - reconhecimento social e compensação financeira - e extremamente influenciada pela exposição à mídia, deixa, por outro lado, de refletir uma certa consciência de seu próprio campo de possibilidades. Jovens pobres conhecem as histórias de vida dos que, como eles, foram criados nos morros e periferias das cidades, mas lograram se projetar nacional e internacionalmente. Sabem que as carreiras bem-sucedidas da maioria desses - Romário, Ronaldinho, Zeca Pagodinho, Claudinho e Buchecha entre tantos outros – dependeram menos da competição escolar e da educação formal e mais de seu talento, de sua garra individual no esporte ou nas artes. E, ao aludirem aos fatores que garantiram a seus ídolos o sucesso, acrescentam, como que invariavelmente, o componente sorte: a sorte de terem sido escolhidos por um agente, por um olheiro ou treinador esportivo, por um produtor de TV ou de bailes.

Ora, jogar futebol ou vôlei, fazer música ou dançar são atividades que desde sempre estiveram integradas à socialização e à cultura de jovens pobres. Isso os aproxima de seus ídolos e realimenta a idéia de que o sonho é possível, passando a depender apenas da sorte. Também por isso sonham com aquelas carreiras e apostam na sorte de serem descobertos. O repertório das carreiras almeçadas não se esgota, contudo,



nessas de maior visibilidade. Ele passa, ainda, pelo diploma da faculdade (prosseguir os estudos e se formar), pelo desejo de estabilidade (ingressar na carreira militar), pelo fascínio da microeletrônica ("mexer" com computadores).

Na gramática do ser, as aspirações de jovens pobres combinam prestígio social e financeiro, distanciam-se das posições ocupadas por seus pais e estão perfeitamente afinadas com seu próprio tempo. A esse propósito observamos que à disciplina da revolução industrial, eles preferem a sedução da revolução pós-moderna. Os caminhos que os atraem são os caminhos estéticos, esportivos, da alta tecnologia, da informática, da televisão e do show business.

Na gramática do ter, as aspirações de jovens pobres se mostram igualmente afinadas com seu tempo, respondendo a uma ideologia de consumo que se propaga em escala mundial e faz da juventude seu alvo principal.

O passado não tece mais a história. Ela passa a ser feita sempre pelas escolhas e pelos caminhos que estão à frente e não mais atrás. A história pode sempre ser outra ou mudada, em qualquer momento que se deseje. O passado é só um dado que não determina nem se desdobra no futuro. Isso atribui ao percurso nos labirintos urbanos a capacidade de indefinição e impossibilidade de predeterminação, dado a sua inumerável variedade de possibilidades. Aprender com o passado pra que? Já não importa mais ou, ao menos, não é mais confiável esse tipo de conhecimento adquirido.

O labirinto que enreda a vida urbana cobra dos seus transeuntes esforços de adaptação ao seu ritmo e às suas características, em suma, à sua dinâmica. O preço principal é o da flexibilidade na adaptação às mudanças de percurso no labirinto. Para que esse percurso se dê da forma mais tranqüila possível é preciso ajustar o passo com as mudanças de direção apontadas pelas suas curvas. Nessa lógica labiríntica mudar significa se desprender do que acabou. Não carregar elementos velhos para o novo percurso, estar pronto para abraçar o novo sem espaços tomados com elementos antigos indesejados e deslocados em função e valor nas novas trajetórias. Mudar a direção não é apenas mudar a posição do corpo, mas mudar tudo o que justifica um caminho.



Num contexto em que os apelos da moda se multiplicam e se transformam com uma velocidade sem precedentes, em que a lógica do mercado converte o objeto do desejo de hoje no descartável de amanhã, em que o delete substitui o deleite, o acesso aos bens e serviços que compõem a pauta de consumo juvenil torna-se um dos estímulos decisivos para a entrada os jovens no mercado de trabalho.

A esse estímulo se somam outros: garantir maior autonomia e liberdade; dar prosseguimento a seus estudos, custeando-os ou, inversamente, abandoná-los sem gerar conflitos no quadro familiar de origem; ganhar “moral” perante a família e prestígio pessoal, sobretudo pela possibilidade de gastar e exibir ícones de consumo, perante seus pares.

Se essas são razões freqüentemente levantadas, há uma outra, entretanto, que é pouco discutida pelos analistas. De fato, na bibliografia que aborda o trabalho de jovens, são eles usualmente pensados na condição de filho ou filha e sua atividade econômica é vista como um esforço complementar ao trabalho dos adultos.

Embora essa seja, efetivamente, a situação majoritária entre os jovens, não se pode esquecer, contudo, a parcela dos que já constituíram uma nova unidade doméstica, tornando-se responsáveis por seu próprio sustento e, em alguns casos, o de seus filhos. Aqui se patenteiam, claramente, as diferenças entre as juventudes: a responsabilidade com o casamento e com a família de procriação chega quase que invariavelmente mais cedo para jovens pobres.

Não se pode mais não saber o que ficou ultrapassado, velho ou deslocado. O ontem está carregado de valor negativo, como um dejetos que tem que ser descartado e do qual seus antigos proprietários ou portadores devem se livrar o mais rápido possível. O velho e ultrapassado não pode significar peso e atrapalhão na hora de se tomar um novo caminho no labirinto. Isso pode significar perder a possibilidade de se atualizar e de estar contemporâneo, carregado de valor positivo. Por isso não se pode perder tempo, perder a chance, perder a oportunidade, perder o momento certo.

Para não se perder deve-se aprender a perder ou, pelo menos, a se desfazer. O apego quer seja a pessoas, lugares, coisas, saberes, atividades, gostos, desejos, etc. é



sempre o grande fator de inadequação à flexibilidade exigida para o trânsito no labirinto urbano. Na grande parte das vezes, saber se desfazer desses pontos é mais importante, por dar leveza e flexibilidade, do que saber conquistar, pois o novo envelhecerá muito rapidamente e não se terá tempo para lamentar sua perda ou mesmo sua não conquista. Quando muito lamentar a perda da possibilidade de mais uma experiência, cuja importância ela mesma será diminuída pelas outras tantas que serão surgirão nos novos trechos do caminho.

A assunção de uma identidade social como a de chefe, cônjuge, pai ou mãe de família, pai ou mãe solteiros leva jovens a se confrontarem com desafios, situações e escolhas que podem, muitas vezes, ser difíceis e danosos. O certo, porém, é que mudanças dessa natureza aumentam os encargos econômicos e, em associação com os fatores já mencionados, ajudariam a explicar a pressão mais forte de jovens pobres sobre o mercado de trabalho.

Diante destes constrangimentos, que até certo ponto lhes são comuns, jovens pobres responderão, entretanto, de modo diverso, submetendo-se às barreiras estabelecidas pelo mercado, superando-as, por meio de invenções, ou transgredindo-as. Vários deles, ainda, recorrerão a arranjos múltiplos, combinando estas distintas formas de inserção ou alternando-as em suas trajetórias.

O ato de largar o que se possui e que, por muitas vezes, custou muito esforço e luta na sua conquista, por algo novo, atribui a seu agente enorme poder e valor no labirinto da condição de vida urbana. Ter a capacidade de se deslocar e não ficar estático às custas do desprendimento de suas conquistas é o grande mérito reconhecido e atribuído às pessoas positivas e poderosas nessa cultura. O conquistar é mera obrigação para se desempenhar a real ação de valor que é o se desfazer. O vigor de uma pessoa passa a ser dimensionado pela quantidade de reinícios que ela empreendeu em seu percurso e não pelas suas conquistas. A força para superar finais através de contínuos recomeços é mais valiosa do que o esforço levado a cabo para obter conquistas.

Essa é a cultura do desapego. Nessa cultura o que mais se produz são descartes, em todos os sentidos. Objetos, produtos, valores, modas, hábitos, conhecimentos,



relacionamentos. Com tantos descartes sendo criados nas diversas trajetórias, torna-se necessário que sua remoção dos espaços de circulação sejam garantidos com rapidez e eficiência. Disso depende a felicidade e o sucesso dos muitos recomeços. Recomeçar um caminho carregando peso-morto põe em risco toda a nova jornada.

A produção de descartes e sua eficiente remoção do tempo-espaço vivido são as duas maiores características da cultura do desapego. E neles reside as maiores fontes de angústia do espírito urbano contemporâneo: o de ser indesejado, o de ser descartado, e o de ser removido do tempo-espaço urbano. Afinal de contas nada nem ninguém escapa à lógica do descarte na cultura do desapego. Ser constante é o fator de maior temor e o ponto de maior vulnerabilidade e desproteção nessa lógica.

Sendo a constância a característica de maior vulnerabilidade na cultura do desapego, a solução é a inovação, ela sim constante. Isso significa uma trajetória sem aderências e sem âncoras fixas e com forte repulsa à criação de identidades que não possam receber adendos. Passa a ser uma arte evitar o descarte pela atribuição da característica de velhice física, intelectual, ideológica, cultural ou comportamental. Existe uma lata de lixo especial, e muito grande, reservada aos que são ultrapassados na corrida pela atualidade ou pelo atributo de jovialidade. A juventude guarda todas as possibilidades de recomeço que a cultura do desapego pode apresentar.

Observadas em conjunto, as principais ocupações profissionais de jovens do sexo masculino sugerem que seus requisitos básicos são a força, o preparo físico e a destreza: braços fortes para as lides na construção civil, para o trabalho militar, para os serviços de carga e descarga, para as oficinas mecânicas; pernas ágeis para despachar a correspondência dos escritórios, enfrentar filas e atender aos clientes nos balcões de comércio, enfim, para todo o tipo de atividades manuais onde, se inscrevem como ajudantes, auxiliares ou aprendizes, sobretudo na faixa de 18 aos 23 anos.

Das jovens mulheres, por sua vez, exigem-se, fundamentalmente, habilidades que marcam e se confundem com sua responsabilidade futura de donas-de-casa e mães de família: excetuando-se as atividades de comércio, suas ocupações se concentram nas lides domésticas, tarefas administrativas, guarda das crianças, costura e confecção e ensino básico.



Salvo, portanto, algumas categorias – como, por exemplo, secretárias, coordenadores e gerentes – que, embora vagas e imprecisas, demandariam maior preparo intelectual e poderiam propiciar maiores oportunidades de mobilidade ocupacional, o espaço econômico aberto a jovens pobres corresponde a uma sucessão de tarefas manuais, por vezes árduas e arriscadas e quase sempre monótonas e repetitivas.

Se essas são características recorrentes do trabalho de jovens pobres, é evidente que ele pouco se coaduna com o sentido de aprendizado e com o direito à profissionalização. É evidente também que dificilmente seu exercício garantirá aos jovens trabalhadores de hoje condições de melhor inserção profissional no futuro.

Em síntese, o lugar reservado a jovens pobres na divisão de trabalho se caracteriza pelo predomínio de ocupações manuais de baixa qualificação e por reduzidos níveis de remuneração, quando não pelo desemprego propriamente dito. Não é de estranhar, pois, que face à “droga da economia”, uma parcela crescente de jovens pobres se sintam atraída e acabe por se enredar na “economia da droga”.

O que está em jogo na cultura do desapego é a luta pela definição de vidas que valem ser vividas e vidas que não valem ser vividas. Isso significa que o real descarte nessa cultura se dá não na forma simbólica, apenas, mas na forma de objetivação de vida de pessoas que são desenraizadas e desvalorizadas no que lhes dá suporte de existência.

A adaptação à regra de fuga da constância com vistas a uma atualização constante se dá em melhores condições por pessoas que se desprenderam dos ambientes ligados a tangibilização da existência, ou seja, por aquelas pessoas que, real ou imaginariamente, não têm sua existência ligada ao mundo das posses de bens fixos como propriedades, situações, pessoas, rotinas ou cargos. Suas garantias são tão flexíveis quanto sua existência e seu maior representante é o capital financeiro, pois possibilita estarem sempre em movimento sem compromissos fixos limitantes do ser.

Outro fator de adaptação a este fluxo é o conhecimento e o domínio das regras do labirinto. Sendo a flexibilidade a base do sistema, existe a condição do eterno



movimento, como o coelho na história de Alice e sua pressa para chegar a lugar algum, mas necessitando correr o dobro da velocidade para ficar no mesmo lugar. Estar em constante movimento é se ajustar a uma sociedade de valores voláteis, descuidada do futuro onde as novidades são entendidas como inovações, a precariedade como um valor, a instabilidade como um imperativo e o hibridismo como riqueza. Tudo isso traz uma enorme aceitação da desorientação e uma alargada tolerância com a falta de itinerários e com a indefinida duração da jornada. É natural que, nessas condições, as ligações fiquem frouxas e os compromissos sejam revogáveis sem muita preocupação com seus desdobramentos ou conseqüências.

Ao contrário das pessoas que se ajustam às condições acima, as pessoas que não dispõem de tais condições de flexibilidade, ou seja, suas existências estão ligadas ao mundo das posses de bens fixos como propriedades, situações, pessoas, rotinas ou cargos, não estão no labirinto por escolha própria, mas por um imperativo de realidade já que, queiram ou não, propriedades, situações e pessoas continuarão desaparecendo de seu alcance a uma velocidade impressionante. O jogo da atualização e do desapego se impõe exigindo deles, assim como de todos, o ajustamento às regras do labirinto urbano.

Estar nessas posições descritas acima não significa apenas ocupar lugares diferentes em uma mesma cultura, significa ocupar posições radicalmente opostas na conduta da vida. O que para uns é jogo, para os outros é condição; o fazer de uns é a submissão dos outros; o pertencer de uns é o pertencimento dos outros. Não há negociação de trânsito entre as posições no jogo. Os que compartilham a mesma posição não permitem que outros a deixem e os que ocupam posições opostas não permitem a aproximação.

Estou, aqui, ensaiando uma hierarquia de fluidez do trânsito no labirinto. O topo, descrito como detentor de total fluidez e capaz de criar e alimentar o jogo do desapego; o fundo da hierarquia sem nenhuma condição de determinar o trânsito, mas tendo que se mover nas mesmas regras do percurso. Ao topo cabe escolher as melhores trajetórias disponíveis e delas tirar as experiências possíveis sem comprometimento com sua continuidade ou permanência. Ao fundo cabe apegar-se à única via que lhe é oferecida pelo labirinto e nela criar, através do constante movimento, eventos de atualização que os protejam das pressões dilaceradoras do ambiente fluido, demarcando



territórios de pertencas e trincheiras de proteção daquilo que julga de valor para sua compreensão de vida e de existência. Ao perímetro do meio da hierarquia está reservado o inferno de uma existência indefinida e monstruosamente ameaçada pelos perigos da atração do fundo e rechaçada no compartilhamento dos privilégios do topo.

É nessa dinâmica de atração e repulsa que se estabelece a força motriz do modelo da cultura do desapego e que molda o espaço-tempo urbano contemporâneo. Desapego, este, que possibilita uma visão utilitária de tudo o que está ao redor. É da lógica do desapego a normalidade no uso e na exploração do mundo com o objetivo da auto-satisfação e do prazer individual momentâneo. Tudo isso no espaço-tempo do aqui-agora (“que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure” nas palavras de Vinícius de Moraes). Não há mais nos horizontes da cultura do descarte a expectativa do eterno da existência, mas sim da infinitude da experiência.

Só a velocidade no movimento poderá propiciar a infinitude das experiências. Se prender por muito tempo a uma delas significa perder inúmeras oportunidades que estão sendo oferecidas e que passaram, ou pior ainda, serão aproveitadas pelos outros, significando que quem ficou preso a apenas uma situação perdeu o trem da história, faz parte do passado, não está atualizado, não tem mais utilidade e pode ser descartado. É a velocidade, e não a duração, o que importa no jogo da atualização. Até porque já se sabe, a priori, que o que se conseguirá na atualização envelhecerá com a mesma rapidez com que se fizeram necessários. É para isso que servem todos os movimentos e tendências de condicionamentos, restauração, reciclagem, revisões e reconstituições, materiais e imateriais.

Por ser a velocidade a determinante do modelo, ela é acompanhada e até mesmo possibilitada por todo aparato tecnológico posto à disposição pelo conhecimento humano contemporâneo. É a tecnologia que permite desejar mudanças com o dispêndio do menor nível de esforço possível. Afinal de contas, sacrifício e imolação são condições de obtenção de elementos duradouros, materiais ou não. Para a obtenção de elementos transitórios as exigências devem ser mínimas e devem estar à disposição e ao alcance de todos. Ler um livro inteiro, ainda mais se ele for grosso, fazer um curso de quatro anos, ler um jornal com nove cadernos, assistir a um filme de três horas de duração são sacrifícios que não se justificam quando comparados com a quantidade de



coisas, situações e relacionamentos que se poderia experimentar no tempo de duração de uma única dessas atividades. Nas palavras de Boaventura Souza Santos, “não me importo de me transformar em um ignorante funcional, desde que o faça rápido”.

Na sociedade contemporânea, o sucesso da mídia e da publicidade decorre da influência e do poder de persuasão, junto aos potenciais consumidores, que, impulsionados a comprar e a usar determinados produtos, buscam uma distinção identitária que o possuir pode proporcionar. Quando falamos em persuasão, não estamos nos referindo à compulsão de compra e aos condicionamentos pelos objetos, mas à adesão ao consenso social que um certo discurso sugere na relação do sujeito com os objetos e, conseqüentemente, com a sociedade.

Deste modo, a publicidade tem por objetivo criar uma situação que traduz o imaginário, compartilhado pelas imagens que não questionam o verdadeiro e o falso, nem o real e a fantasia, mas buscam uma cumplicidade com o consumidor, pela simples existência da mídia, e que na sua mediatização constrói uma pseudo-imagem, mesmo que seja de forma dissimulada.

A publicidade sempre se adaptou rapidamente as transformações culturais, e ao longo de sua história conseguiu construir uma relação afinada com os gostos, de personalidade, de qualidade de vida, fugindo da estandardização promovida pela comunicação de massa.

É na tenção entre o consumo e o descarte que se dá a cultura do desapego. Sua dinâmica se dá na lógica do consumo, nos níveis mais amplos desse conceito. Essa é uma vida de consumo que justifica o mundo pela sua condição de utilidade na busca do prazer e da auto-satisfação. Por sua vez, é a condição de utilidade que determinará a validade dos elementos encontrados no percurso do labirinto urbano. O que pode e o que não pode ser usado; o que está em condição de uso e o que já teve seu prazo de validade expirado; o que fica disponível e o que deve ser descartado sem nenhum apego ou racionalização. Tudo está sujeito a esse crivo: produtos, marcas, pensamentos, ideologias, saberes, conhecimentos, alimentos, regimes políticos, relacionamentos, pessoas, lugares, moda, instituições. Tudo e todos estão sujeitos a exhibir prazo de



validade que os habilitam para consumo geral ou os destinam à área de descarte, ou seja, ao lixo da cultura do desapego.

Consumir e ser consumido são condições intrínsecas para o trânsito nos labirintos urbanos da contemporaneidade. São as duas faces de uma mesma moeda, na verdade a única moeda de valor nessa cultura, cuja posse, mesmo que efêmera, provoca angústias e frustrações, amor e ódio, atração e repulsa. Saber o que consumir é saber como criar uma identidade aceita no núcleo da cultura, onde seu contrário pode representar também uma identidade que justifica seu descarte por estar ligada ao consumo de itens e categorias não mais aceitas no coletivo. O pior que pode acontecer a alguém nessa cultura é ser associado ao consumo de itens e categorias que, por terem seus prazos de validade expirados, ocupam lugar de destaque no lixo cultural. Tudo vale para se atualizar: mudar o estilo das roupas, mudar o corte ou a cor dos cabelos, mudar os seios para maior ou menor, mudar a casa ou sua aparência e decoração, mudar o carro, mudar a rotina diária, mudar a alimentação e os vários tipos de dietas que a ela se relacionam, mudar as leituras quanto a autores, temas, e estilos, mudar os lugares frequentados e a companhia de seus frequentadores, mudar o vocabulário, mudar as músicas, mudar as artes, mudar os equipamentos, mudar os cheiros e perfumes, enfim, mudar, principalmente para permanecer no labirinto e fazer com que a viagem continue.

Saber o que se deve consumir e o que se deve descartar em tantas áreas e com tantas possibilidades, requer uma eterna vigilância sobre si e sobre o padrão de consumo dos outros. Nesse sentido estar perto ganha um novo significado, o da vigilância e do controle que toma lugar da lealdade para com o outro. Lealdade é algo que existe com a finalidade de criar laços e vínculos duradouros, absolutamente indesejados na cultura do desapego. Lealdade às pessoas, relacionamentos, pensamentos, lugares ou coisas é algo que pode por em risco a existência social de quem a cria e de quem a mantém. Caso uma das pontas seja considerada em desuso a outra também é assim classificada automaticamente por compartilhar com ela sua identidade através do seu consumo. Ninguém quer ser visto em companhia ou de posse de algo ou alguém considerado obsoleto. Vamos entender obsoleto como a característica principal do que não tenha mais a capacidade, as características ou o valor para ser consumido.



Na lógica do consumo como forma de expressão de existência, a principal atividade é a da geração de lixo. É através do descarte, e não da posse, que se criam possibilidades infinitas de novos consumos, ou seja, de novas possibilidades de ser, mediadas pelas infinitas possibilidades de novas experiências. Não importa quão superficiais ou efêmeras sejam elas. O que importa é sua possibilidade e não sua durabilidade, muito menos sua permanência. Esse também é um dos dois principais desafios dessa cultura: o que fazer com tanto lixo.

O outro grande desafio dessa cultura é como lidar com a ameaça constante de ser jogado no lixo, já que a vida acontece entre o gozo provocado pelo consumo dos itens que estão com seu prazo de validade não vencido e o temor aterrorizante da lata de lixo que é o local indefectível dos itens descartados por não serem impróprios para consumo. Viver para a lata de lixo não é um destino que se aceite facilmente e é contra ele que se percebem os maiores empenhos de força, tempo e dedicação. Os pólos representados pelo consumir e pelo ser consumido exercem poder de atração o tempo todo, todo o tempo. Não há condição de ser apenas um sem ser o outro também, e muitas vezes ao mesmo tempo. Somente pela demonstração de sua capacidade de ser consumido é que alguém ganha as condições para assumir a vida de consumidor.

Na cultura do desapego, ser consumidor ou produto de consumo são condições que em nada contribuem para a determinação de uma identidade, pela sua fragilidade de posição e pela efêmera duração. Não há troca de papéis, pois isso exigiria existências distintas hora em uma, hora em outra condição. Esses são pólos que co-existem, se relacionam, se complementam e, não raro, se fundem no espaço-tempo urbano.

Não se pode dizer qual seja a força determinante dos movimentos no labirinto, se a atração pelo consumo ou a repulsa pelo lixo. O que se pode entender é a sua tensão vai modelando o cotidiano e o trânsito nos diversos percursos escolhidos. Muitas ações podem ser compreendidas pela condição momentânea do medo alimentando o desejo e, em outras, o desejo fortalecendo o medo. Não importa a dinâmica, medo e desejo se alimentam e se estimulam.

Assim como a vigilância sobre os outros se instala como elemento de preservação de seu próprio valor (para que não seja ligado a itens vencidos e fora do



prazo de validade) esta mesma vigilância se volta sobre si mesmo quando a pessoa se vê envolvida nas tensões entre o desejo do consumo e a repulsa do lixo. A proximidade com o eixo lixo se dá conforme a validade de alguém, como mercadoria apta para consumo, diminui. Isso vai significar, na subjetividade, uma incapacidade de atualização comprovada pela não-conquista dos bens de consumo em voga. A causa de tal desatualização ou inadequação à realidade é atribuída com muita facilidade à perda de competências individuais. Para que isso não aconteça, ou para que seja corrigida rapidamente quando for detectada, os sujeitos se submetem a constantes auto-exames, autocríticas e autocensuras, quase sempre exacerbados a ponto de criar e alimentar sentimentos de insatisfação constante consigo mesmo, criando uma perpétua sensação de inadequação ao mundo externo, que para ser encarado demanda muita ajuda externa. É para suprir toda essa carência que o mundo externo (coisas e pessoas) ganham valores instrumentais e são utilizados na busca do prazer individual, sem grandes preocupações.

Com todo esse mecanismo de vigilância voltado para a garantia do valor individual das pessoas como mercadoria em condições de uso, a única reforma que se pode pretender nessa cultura é a da auto-reforma. Ela não só é possível como motivada e estimulada cada vez mais, pondo em marcha as mudanças necessárias para reforço da lógica do consumo. Não estar satisfeito consigo mesmo significa um potencial enorme na criação e aceitação de possibilidades de experimentações e de novos consumos, já sabendo, de início, que nenhum deles preencherá o vazio provocado pela auto-insatisfação e pela infelicidade consigo mesmo.

Na cultura do desapego não há condição de se pensar em reformas sociais amplas, não porque as pessoas não se apegam às outras ou ao coletivo, mas justamente por estes serem vistos e valorados pelo viés utilitário que cada um lhes atribui individualmente. A fonte dos prazeres individuais se deslocou do externo para dentro de cada indivíduo e a felicidade é algo particularizado e subjetivo que é ativado pelas experiência e usos que cada um faz daquilo que lhe é externo, como coisas e pessoas. O bem comum e a vida em coletividade são fatores difíceis de serem engendrados nessa lógica, provocando forte desinteresse na sua sustentação ou busca.

A desatenção e o descuido com a vida em comum impedem que hajam renegociações políticas quanto as formas estruturais dessa cultura, garantindo a



continuidade da lógica do descarte como subproduto da busca pela felicidade autocentrada. Buscar a felicidade dessa forma é quase que ter a garantia, a priori, de seu fracasso. Esse fracasso, alimentado pelo procedimento autocentrado, é fácil e rapidamente atribuído a uma inadequação pessoal às condições mutantes do ambiente externo, o que requer rápidas autotransformações. Sempre estar requerendo autotransformações provoca na pessoa elevados graus de frustração consigo mesma e uma constante infelicidade com tudo aquilo que conquista por serem sempre conquistas parciais. A autofrustração vai realimentar continuamente as justificativas para uma vida autocentrada impedindo cada vez mais a busca do bem comum e da vida em coletividades.

Esse círculo vicioso é virtualmente forte por contar com duas armas poderosas: o senso comum e o desejo de perpetuação dos que se beneficiam privilegiadamente por essas condições. Essas armas podem se voltar com muita força contra os que se rebelarem contra essa cultura, cooptando-os ao pensamento corrente, e por isso mais fácil, de que essa vida seja fruto de uma escolha racional, de que nela não há mais espaço para as grandes narrativas, de que frente a sua força não há mais alternativas e de que essa dinâmica seja invencível. Estar contrário a ela requer a capacidade de aceitar classificações como irrealista, utópico, pertencente a correntes de pensamento positivo, fantasioso e, numa elevação do tom, de irresponsável.

De fato, o que se discute no confronto à cultura do desapego é o destino de condições de vida que nos trouxeram até esse momento histórico, e que representaram lutas e ganhos ao longo de um grande percurso da existência humana em sociedade, como liberdade e democracia. São valores importantes demais para serem transacionados nas prateleiras como produto de consumo, ou pior ainda, aceitar que sejam classificados como produtos que apresentam vencimento no seu prazo de validade, aos quais está reservado um lugar na lata de lixo da cultura, recebendo o mesmo tratamento dos demais detritos sociais.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.



- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- _____. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LIPOVETSKI, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo – 1 – Neurose*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.